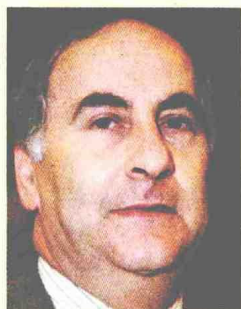


Tema: <b>Sector Vitivinícola</b>					Âmbito: <b>Nacional</b>	Tiragem: <b>121344</b>
Título: <b>O Douro como obra colectiva, por António Martinho</b>					Temática: <b>Generalista</b>	GRP: <b>11.7</b>
2006/12/22	JORNAL DE NOTICIAS – ESPECIAL	Pág.60	Imagem: 1/1		Periodicidade: <b>Sem periodicidade</b>	Inv.: <b>3400.00</b>



## António Martinho

Governador Civil do distrito de Vila Real

# O Douro como obra colectiva

A propósito da homenagem a Torquato de Magalhães, que a Comissão Executiva das Comemorações dos 250 Anos da Região Demarcada do Douro realizou, caiu-me nas mãos um livro sobre os Paladinos do Douro, de Carla Sequeira, onde, a certa altura, se transcreve um texto do homenageado, insurgindo-se contra o desânimo e a indiferença pela Associação Agrícola (Sindicato Agrícola). Esse mesmo paladino não se contém quando os seus conterrâneos não parecem perceber que, com o abandono do “interesse colectivo”, o lavrador pode “perder por completo a auctoridade e o valor para fazer a mais insignificante reclamação em favor da agricultura regional”.

Falava bem e com autoridade reconhecida este paladino aliojense. Conhecia, de certo, o esforço que nos finais do século XIX se fez na região para debelar a filoxera, o oídio e outras pragas. Viu surgir muitos mortórios, socalcos abandonados à sua sorte, por incapacidade de os replantarem. Conhecia, com certeza, o esforço que gerações de durienses e de outros que vieram das terras mais altas de Trás-os-Montes, das Beiras ou da Galiza fizeram para construir os “jardins suspensos” de que fala Jaime Cortesão.

Foi esta ideia de projecto colectivo que presidiu desde a primeira hora (e perfaz um ano no próximo dia 14 que teve lugar a primeira reunião) às comemorações dos 250 anos da região demarcada e regulamentada mais antiga do mundo. Mesmo que a manutenção desse espírito se tivesse cimentado numa grande capacidade de “encaixe” e numa verdadeira militância por uma região que produz, muito provavelmente, o produto agrícola português mais conhecido no mundo – daí, o ser identificado como um grande embaixador de Portugal – a verdade é que a região continua a mostrar contrastes gritantes em termos de desenvolvimento, apresentando dos mais baixos índices se comparada com outras regiões vitivinícolas europeias ou com a grande região em que se encontra inserida, o Norte de Portugal. Ora, todos reconhecem o valor e

importância do Vinho do Porto nas exportações do campo agro-alimentar. A classificação do Alto Douro Vinhateiro como “paisagem cultural evolutiva e viva” é uma mais valia que deve ser bem aproveitada; o facto de nela estar inserida uma outra área classificada como Património Mundial (as gravuras do Côa), a proximidade a Salamanca, ao Porto e a Gaia, que beneficiam também desse reconhecimento pela UNESCO, constituem um conjunto de factores que deveriam proporcionar outros níveis de desenvolvimento. Algo falta, certamente.

Parece-me que uma frase de um outro paladino, Carlos Amorim, quando afirmava em 1943 que “O Douro tem de estabelecer devidamente a sua Casa pelo seu próprio esforço, pela colaboração de todos” apontava o caminho certo. E neste todos têm lugar. Cabe aqui o apelo à participação dos cidadãos, enquanto durienses, mas também à participação dos Poderes Central e Local. Não substituindo-se aos primeiros, mas ajudando a suprimir as falhas inerentes às condições naturais, históricas ou outras que não permitiram ao Douro atingir os níveis de competitividade que outras regiões já possuem. E isso só será possível se estivermos imbuídos de um espírito conciliador, num esforço que a todos envolva e responsabilize. Foi, aliás, com este espírito que o Primeiro-Ministro, no dia da abertura das comemorações, apresentou os quatro eixos que deviam sustentar o desenvolvimento do Douro: o vinho, a paisagem, o turismo e a cultura. Estes estão presentes na Resolução, aprovada nesse mesmo dia em Conselho de

Ministros, que cria a Unidade de Missão para a Região Demarcada do Douro e que respondem aos desafios que dias depois, a Comissão Europeia pela política regional, Senhora Donuta Hubner, deixou em Chaves quando se referiu à necessidade de encontrar estratégias no QREN (2007-2013) para a coesão territorial. Compete-nos a nós, na senda dos paladinos, saber aproveitar essa oportunidade, pelo nosso próprio esforço e com a colaboração de todos.

**“A região continua a mostrar contrastes gritantes em termos de desenvolvimento”**